



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB

CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE

CURSO DE LICENCIATURA PEDAGOGIA

SILVIA ANDRADE CARNEIRO

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: ENTRE TEORIAS E EXPERIÊNCIAS,
UM ESTUDO NA CIDADE DE SANTA RITA - PB**

João Pessoa - PB

Abril – 2020

SILVIA ANDRADE CARNEIRO

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: ENTRE TEORIAS E EXPERIÊNCIAS,
UM ESTUDO NA CIDADE DE SANTA RITA - PB**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, como requisito final para à obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Edson Carvalho Guedes

João Pessoa - PB

Abril - 2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C289v Carneiro, Silvia Andrade.

VIOLÊNCIA ESCOLAR: ENTRE TEORIAS E EXPERIÊNCIAS, UM
ESTUDO NA CIDADE DE SANTA RITA - PB / Silvia Andrade
Carneiro. - João Pessoa, 2020.

69 f. : il.

Orientação: Edson Carvalho Guedes.

Monografia (Graduação) - UFPB/Centro de Educa.

1. Escola. Violência. Violência Escolar. I. Guedes,
Edson Carvalho. II. Título.

UFPB/BC

SILVIA ANDRADE CARNEIRO

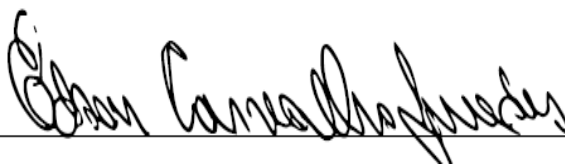
**VIOLÊNCIA ESCOLAR: ENTRE TEORIAS E EXPERIÊNCIAS,
UM ESTUDO NA CIDADE DE SANTA RITA - PB**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, como requisito final para à obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Edson Carvalho Guedes

Aprovada em 03 de abril de 2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Edson Carvalho Guedes (DFE/UFPB)

Presidente da Banca – Orientador

Prof. Dr. Carlos Eduardo Zaleski Rebua (DHP/UFPB)

Avaliador

Profa. Dra. Maria Aparecida Nunes Pereira (DFE/UFPB)

Avaliadora

Dedico esse trabalho a meus filhos que tanto amo: a Julia e o Guilherme. Foram a razão da minha esperança, por eles que continuei e lutei até aqui, o combustível que me impulsionava a cada dia. E por terem suportado a minha ausência nesses quatros anos de curso.

AGRADECIMENTOS

Até este momento a minha ficha ainda não tinha caído, ao me ver diante desta palavra “agradecimentos”, entendi que este ciclo está chegando ao fim. Encerro esse tempo na convicção que aqui é apenas o começo da minha vida acadêmica, pois, ainda tenho muito o que aprender e a caminhada ainda tem muito o que percorrer.

Neste momento passa-se um filme na minha mente, posso reviver todos os momentos que fizeram parte da minha trajetória nesses quatro anos, tudo começou bem antes da minha decisão de fazer o ENEM. Eu passava por um dos momentos mais difíceis da minha vida, e foi quando resolvi lutar e ir em busca do que eu queria ser. Fazer o ENEM foi um dos maiores desafios, estava há 12 anos longe dos livros, mas mesmo assim, mantive a confiança.

Fico lembrando o primeiro dia de aula. Senti-me como um peixe fora da água, perdida. A universidade era um lugar distante da minha realidade, mas que se tornou um lugar tão importante para mim, um segunda lar, um lugar onde vivi momentos de alegrias, de tristezas, de conflitos, a minha maior paixão. Em alguns momentos, pensei em desistir. Posso dizer que sou uma mulher de sorte ou coração cheio de fé, pois, Deus sempre colocou pessoas maravilhosas no meu caminho, pessoas que me incentivaram, e me ajudaram a ver a realidade com outras lentes e seguir a caminhada até aqui.

Tenho tanto a agradecer, pois muitas pessoas foram importantes nessa caminhada. Gostaria de agradecer:

Primeiramente a Deus por me dar a oportunidade de realizar esse grande sonho, por dar as forças necessárias para chegar até aqui. Foram muitas noites mal dormidas, momentos que achei que não iria conseguir, mas hoje com grande felicidade digo que valeu todo o meu sacrifício.

Agradeço aos meus maiores amores que são meus filhos Júlia e Guilherme, que tive de abrir mão de estar com eles todos os dias, e de muitos momentos, sei que valeu a pena que tenho me tornado uma mãe melhor. A pedagogia me fez ver o mundo com outros olhos, hoje quando estou com eles, os momentos são mais prazerosos e felizes. AMO MUITOS VOCÊS!

Agradeço aos meus pais, Seu Francisco e Dona Rita, que sempre foram meu porto seguro, minha mãe por ser a minha melhor amiga que posso contar em todas as horas, que tem me incentivado a prosseguir. Primeira filha formada, esse sonho é nosso, MUITO OBRIGADA!

Às minhas irmãs, Rose, Rosilda e Maria, que sempre me apoiaram e me incentivaram.

Aos meus irmãos Luís e Marcos, fico feliz por abrir caminhos e ver meus dois irmãos trilhados o mesmo caminhos em busca de uma formação.

Às minhas sobrinhas Rayssa e Rayana, ajudaram-me muito em todo o percurso do curso, quando eu me senti perdida e achava que não iria conseguir sempre me ouviram e discutia comigo assuntos, me ajuda a compreender temas e conteúdos me incentivaram na escolha do tema deste trabalho.

Às superpoderosas Elisa, Fátima e Jackciely, minhas amigas e companheiras de todas as horas, ao qual tenho um carinho enorme, sei que uma amizade que vou levar para toda a vida. Tivemos momentos de conflitos, mas também de companheirismo, momentos de desavenças, mas também muitos momentos de afeto. Obrigada por me suportar em todas as fases.

Ao meu professor orientador Edson, um dos melhores professores que conheci no meu curso, me incentivou e me ajudou e me direcionou no momento que estava perdida, por professores como este estou aqui. Como muito carinho aceitou estar comigo nesta etapa tão importante de minha trajetória acadêmica. MUITO OBRIGADA!

Ao meu amigo Felipe Ferreira, grande amigo com carinho e paciência sempre esteve presente nos momentos em que precisava, grande incentivador, que me fez acreditar no meu potencial, quando pensei que não seria capaz.

Às três pessoas mais que especiais: Wagner, Stephanny e Lucille, pessoas que tem uma grande sensibilidade, que sempre me incentivaram e foram para mim modelos a seguir.

A todas(os) colegas de turma, que de alguma forma contribuiu para a minha formação. Agradeço a todos, foi de grande aprendizado esses quatros anos com vocês.

À todos os professores e professoras que fizeram parte dessa caminhada: Alba, Ana Paula, Andressa, Aparecida, Carlos Augusto, Catarina, Carmem Lucia, Claurênia, Edson Guedes, Eduardo Rebuá, Eulina, Erenilza, Fabiana, Fernando César, Uyguaciara, Idelsuite, Isaura, Isolda, Jeane, Jude Rosas, Lebiã, Lêsie, Maria das Graças, Magno Alexon, Maria Azeredo, Maria helena, Margarete, Nádia, Rodrigo Rosal, Swamy, Suelídia, Valquíria, Vera Lúcia, Virginia, Taísa, Thamyres, Timothy. OBRIGADA A TODOS!

A violência, seja qual for a maneira como se manifesta, é sempre uma derrota.

Jean Paul Sartre

RESUMO

A violência é um fenômeno global, está presente em todos os lugares, classes sociais e em todas as culturas. Todos os seres humanos, não importa a sua idade ou sexo, estão propensos a sofrer e praticar atos de violência, porém não podemos aceitar nenhuma forma de violência seja de qualquer natureza, buscando meios para prevenir, enfrentar e superar o fenômeno da violência. O contexto escolar não está imune. Precisam ser desenvolvidos trabalhos que visem a prevenção e a minimização deste fenômeno. Este trabalho dedica-se a refletir sobre a violência escolar, e de como ela se apresenta neste contexto. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola na cidade de Santa Rita-PB, onde buscamos projetos que foram criados para minimizar a violência que deram certo no enfrentamento da violência. O objetivo geral que nos propomos perseguir neste trabalho foi o de *analisar experiências de enfrentamento da violência escolar que possam ser multiplicadas por outros profissionais da educação ou escolas*. A partir deste, criamos os seguintes objetivos específicos: discutir sobre o fenômeno da violência escolar a partir de diferentes autores que pesquisam sobre o assunto; examinar projetos de enfrentamento da violência em uma escola no município de Santa Rita-PB e analisar tipos existentes de violências nas sociedades contemporâneas, através de pesquisa bibliográfica. Este estudo se desenvolveu a partir dos referenciais defendidos, principalmente, por Andrade (2007), Debarbieux (2002), Charlot (2002), Libâneo, Oliveira, Toschi (2012). Os conceitos que fundamentam teoricamente este trabalho são: escola, violência e violência escolar. A metodologia utilizada neste trabalho foi de uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, e de campo. Os procedimentos e instrumentos que ajudaram nas ações práticas para realização da pesquisa foram: documentação (registros e dados), observação, questionário e entrevistas. Dentre os resultados, podemos destacar o fato de que quando a escola considera a comunidade e as famílias como parceiras, ajudando na elaboração de uma escola de qualidade, quando coloca os alunos no centro de sua aprendizagem, dando voz de participação na resolução de problemas e conflitos dentro da escola, consegue-se um efetivo enfrentamento, prevenindo e superando a violência escolar.

Palavras-chave: Escola. Violência. Violência Escolar.

ABSTRACT

Violence is a worldwide phenomenon, present everywhere, in all social classes and cultures. All human beings, regardless of age or sex, are prone to suffer from or practice acts of violence, however we cannot accept any manner of violence, seeking means to prevent, face and overcome such phenomenon. The educational context is not immune to it; projects need to be developed in order to prevent and minimize violence. This work is dedicated to reflecting on school violence, and how it manifests itself in such a context. The research took place in a school in the city of Santa Rita (PB), where we sought projects that had been created to minimize violence and that succeed in fighting it. The main objective that we proposed to follow in this work was to analyze experiences against school violence that may have been multiplied by other educational professionals or schools. Starting from there, we created the following specific objectives: to discuss the phenomenon of school violence from the perspective of different authors who research this subject; to examine projects against violence in a school in the city of Santa Rita (PB), and to analyze the existing types of violence seen in contemporary societies, through bibliographical research on this area's productions. This study was mainly developed from those of Andrade (2007), Debarbieux (2002), Charlot (2002), Libâneo, Oliveira, Toschi (2012). The concepts which substantiate this work theoretically are: school, violence, and school violence. The methodology used in this work was one of qualitative approach, exploratory in nature, and with field research. The procedures and tools that helped in the practical actions for the realization of the research were: documentation (registers and data), observation, questionnaire, and interviews. Among the results, we can highlight the fact that when a school considers both community and families as partners, helping in the elaboration of quality school work, when it places students in the center of their learning, giving them a say in the resolution of problems and conflicts within the school, then the violence is effectively faced, prevented and overcome.

Keywords: School. Violence. School violence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Entrada da escola	40
Figura 2 - Pátio externo no horário do intervalo	41
Figura 3 - Mesas no pátio externo	41
Figura 4 - Quadra poliesportiva	42
Figura 5 – Treinamento	49
Figura 6 – Treinamento	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percepção da violência na vizinhança	52
Gráfico 2 - Percepção dos professores em relação à violência na escola	53

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

PROERD - Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. ESCOLA E VIOLÊNCIA	16
2.1 A Escola	16
2.2 A Violência	22
2.3 Diferenciando alguns tipos de violências no ambiente escolar	24
3. TIPOS DE VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR	27
3.1 Violência Física	27
3.2 Violência psicológica e verbal	28
3.3 Violência simbólica	29
3.4. Classificando a Violência Escolar	30
3.4.1 Conceituação sobre violência na escola	30
3.4.2 Conceituação sobre violência da escola	32
3.4.3 Conceituação sobre a violência contra a escola	34
4. ANÁLISE E COLETA DOS DADOS METODOLOGIA	37
4.1 Trajetória Metodológica da Pesquisa.....	37
4.2 Caracterização do campo da pesquisa	38
4.3 Resultados a partir da observação da escola	38
4.4 Projetos de prevenção à violência escolar: análise documental	41
4.5 A percepção dos professores e gestores	43
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICES	55

1 INTRODUÇÃO

A escolha deste tema começou quando eu tinha 9 ou 10 anos, não me lembro precisamente, mas lembro da cena em cada detalhe até hoje. Estava na terceira série, estudava na parte da manhã, sempre chegava cedo e ficava no portão para ser uma das primeiras a entrar na sala, pois, gostava de sentar-se na frente, perto da professora. Nesse dia um menino tomou a minha frente, ele falou que iria ficar ali no meu lugar e que eu fosse procurar outro “canto”. Não gostei, revidei e falei que iria ficar sim no meu lugar, naquele momento ele me deu um soco no nariz, e o que lembro após esta cena é de estar dentro da escola, no banheiro, com a secretária da escola me ajudando a limpar o sangue que escorria no rosto. A agressão foi invisível para os diretores e para a professora, pois, nada foi feito, mas para mim foi algo que eu nunca esqueci.

A questão sobre a violência escolar despertou meu interesse, desde o ingresso ao curso de pedagogia. No primeiro período comecei a refletir sobre o assunto e me chamava a atenção de que com tantos trabalhos escritos na área da educação, a violência ainda continua com tanta força dentro das nossas escolas.

Seria porque as secretarias de educação e as escolas estão preocupadas com outros assuntos mais em alta do momento e estão esquecendo da violência escolar que já é um assunto tão debatido? Esquecendo, assim, de olhar para os números tão alarmante da violência na nossa Santa Rita? Dá-nos uma certa inquietação acerca das ações que são desenvolvidas. Afinal, o que está sendo feito para o enfrentamento da violência escolar na cidade de Santa Rita-PB?

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) 2019¹, a Paraíba teve significativa diminuição no índice de violência desde o ano de 2011, com um índice de 42,6 homicídios. Tal número vem gradativamente diminuindo chegando em 2017 com 33,3 homicídios, uma queda em torno de 25% (vinte e cinco por cento).

Mesmo com essa diminuição, o número de jovens entre 15 e 25 anos mortos ainda é alto. Em 2011 a taxa era de 87,4 homicídios. Em 2017 este índice caiu para 72,0 homicídios. O Ipea 2019 mapeia as cidades mais pacíficas e as mais violentas do país. O que nos chama a atenção são os dados referente à Paraíba, pois, a cidade de Santa Rita tem a

¹ A pesquisa é feita nas cidades acima de 100 mil habitantes, a taxa é feita tendo como base o número populacional versus o número de homicídios. Fonte: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf

maior taxa de homicídios no estado, sendo 73,9. A partir da análise desses dados e de relatos constantes de casos de violências dentro das escolas do município de Santa Rita-PB, percebe-se que a violência está presente, também, nestas instituições .

Estudar violência escolar tem se tornado um grande desafio, pois as escolas têm silenciado e até negado a existência de casos de violências dentro da escola. Muitas vezes esse silêncio se deve ao receio de manchar a imagem que a escola visa construir ou de ser classificada como ambiente violento e de baixa qualidade. De acordo com Artinoupoulou (2002, p.155), “os diretores de escolas geralmente acreditam que registrar incidentes de violência escolar possa prejudicar a reputação da escola. Portanto, a cifra oculta da violência nas escolas é alta.”

Esse silêncio se estende, em alguns casos, à omissão, no sentido de negar o atendimento necessário às vítimas, que levarão sequelas para o resto de suas vidas. O enfrentamento desse problema pela escola, a sociedade em geral e o Estado, é uma urgência, pois somente assim, seremos capazes de desenvolver as intervenções necessárias para prevenir casos futuros de violência.

Diante de toda essa realidade, duas questões acabaram orientando esta pesquisa: *quais as várias faces da violências escolar? Que projetos de enfrentamento da violência escolar são desenvolvidos em escolas do município de Santa Rita-PB?*

Partindo destas indagações e com ajuda de teóricos que se debruçaram sobre o assunto, criamos nossos objetivos. Como *objetivo geral*: analisar uma experiência de enfrentamento da violência escolar que possam ser multiplicadas por outros profissionais da educação e pelas escolas. A partir deste, criamos os seguintes objetivos específicos: discutir sobre o fenômeno da violência escolar a partir de diferentes autores que pesquisam sobre o assunto; examinar os projetos de enfrentamento da violência desenvolvidos pelas escolas ou profissionais da educação do município de Santa Rita-PB e analisar tipos existentes de violência nas sociedades contemporâneas, através de pesquisa bibliográfica na literatura da área.

Nosso percurso metodológico foi de caráter qualitativo, de natureza exploratória e de pesquisa de campo. Utilizamos os seguintes instrumentos no auxílio das ações práticas para a realização desta pesquisa: análise documental, observação, questionário e entrevistas. A nossa pesquisa teve como base uma Escola Municipal na cidade de Santa Rita-PB. Nosso

foco principal foi os projetos de enfrentamento de violência dentro da escola e os seus resultados. A escola pesquisa trabalha com dois projetos no enfrentamento da violência escolar, um desenvolvido pela própria escola o projeto *Anjos do Recreio* e o programa *PROERD* desenvolvido pela Polícia Militar da Paraíba em parceria com a Secretaria de Educação do Município.

Este estudo se desenvolveu a partir dos referenciais defendidos principalmente por Andrade (2007), Debarbieux (2002), Charlot (2002), Libâneo, Oliveira, Toschi (2012), entre outros. A partir da literatura produzida por esses autores foi possível elaborar os instrumentos de coleta de dados na escola. Na pesquisa de campo observamos toda a estrutura da escola, a forma como as pessoas são tratadas dentro da escola, a postura das crianças frente a autoridade do adulto e se a criança tinha voz dentro da escola. Aplicamos um questionário a 11 (onze) professores. Entrevistamos uma professora, uma gestora e a supervisora escola. Para fazer a análise do projeto da PROERD, entramos em contato por e-mail com a coordenação regional da cidade de Santa Rita-PB, foi nos enviado alguns documentos como: cartilhas, folhetos, resolução e relatório final do ano 2018.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos. Após esta introdução, apresento no segundo capítulo o conceito de escola, de violência e de violência escolar. No terceiro capítulo, abordamos os tipos de violências no contexto escolar, seja ela física, psicológica e simbólica, seguindo a teoria produzida por Charlot (2002), fizemos uma classificação da violência escolar: violência da escola, na escola e para a escola. O percurso metodológico é assunto do quarto capítulo. No quinto capítulo apresentaremos a pesquisa e os seus resultados. Finalizamos com uma síntese das pesquisas e os seus resultados, deixando uma reflexão sobre o enfrentamento da violência escolar.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir de uma forma positiva para o enfrentamento da violência escolar, que a partir de algumas bases teóricas possamos minimamente entender este fenômeno, entendendo as suas várias formas, causas e motivos para, de fato, concretizar o enfrente da violência escolar.

2. ESCOLA E VIOLÊNCIA

Este capítulo trata de questões importantes para entendermos o fenômeno da violência escolar. Pensando em facilitar a leitura, foi dividido em três tópicos: no primeiro tópico faremos uma pequena trajetória da criação da escola, entendendo o seu significado. No segundo tópico vou, minimamente, conceituar o termo violência, pois, não é fácil dada a sua complexidade. No terceiro vou diferenciar alguns tipos de violência: agressividade, incivilidade e violência escolar.

2.1 A Escola

O termo escola (do grego *scholé*, através do termo latino *schola*) tinha como significado “lazer, tempo livre, ocupação do tempo com estudos livre e prazeroso”. (LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI, 2012, p. 233).

Embora a tradição greco-romana desvalorizasse o trabalho manual e a formação profissional _ o que significa a compreensão do termo escola como lugar de ócio, do não trabalho _, foi o ideal grego de educação que forneceu as bases das instituições escolares ocidentais, à medida que a escola se ia constituindo como instituição de aprendizagem organizada, dirigida para um objetivo. (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2012, p. 233).

De acordo com Libâneo (2012, p. 233), a educação grega antiga era exclusiva para os “homens livres”. As instituições que foram surgindo com características escolar eram usadas em atividades da prática do cotidiano, muitas vezes voltadas para a instrução e o treinamento militar. Inicialmente, nestes espaços, buscavam-se a excelência física, bravura, coragem, nobreza de caráter e obediência às leis. Somente mais tarde que começaram a se ocupar com o desenvolvimento da razão”.

Para Teixeira (1999), a instituição escolar surge de uma necessidade social. Na Atenas no século V aC, com o início da democracia, era necessário formar cidadãos que começam, gradativamente, a conquistar o privilégio de participar da vida política e cultural.

A educação, portanto, torna-se coletiva. Não se trata mais de uma educação individual, no caso, de um preceptor, mas de uma educação grupal, aberta à

coletividade. Essa mudança de um ensino individual para um ensino vai exigir uma institucionalização da educação, já que a socialização da educação exigirá uma instituição correspondente que coordene. Surge, então, a escola. (TEIXEIRA, 1999, p. 17)

Na Idade Média, de acordo com Veiga (2007, p. 18), a educação se deu principalmente por “um monopólio da igreja”. Durante muito tempo os seus representantes monitoravam os processos relacionados às mudanças de transmissão do conhecimento, da explicação dos saberes e dos métodos de transmissão, como também aos processos de permissão de licença para lecionar.

As primeiras escolas brasileiras foram criadas pelos jesuítas. De acordo com Veiga (2007, p. 60): “o primeiro colégio jesuíta foi fundado em 1549 em Salvador: era o Colégio dos Meninos de Jesus, também conhecido como colégio da Bahia”. Inicialmente, eram destinados aos meninos índios, buscava-se a sua alfabetização na língua portuguesa através do tupi-guarani e tinham aula de aritmética, catequese, canto e aprendiam a manusear instrumentos musicais.

Segundo Veiga (2007, p. 148), a educação pública brasileira teve início no século XIX, com a primeira constituição de 1824, que garantiu a instrução primária gratuita a todos os cidadãos brasileiros. Destacando que nem todas as pessoas eram consideradas cidadãos brasileiros, os escravos e os filhos de famílias abastadas não podiam frequentar a escola pública. Os escravos podiam ter acesso a mestres particulares, dependiam dos seus senhores para assumirem os custos. Os filhos das famílias abastadas poderiam optar pela educação doméstica, mestre particulares e escolas particulares.

No discurso da elite da época a escola era um espaço para “desenvolver valores da civilidades”. “O alvo da escola pública, no Brasil, foi essencialmente a população pobre, negra e mestiça, portadora de “hábitos” e ‘valores rudes’, não afeta às normas sociais nem ao cumprimento dos deveres e por isso passível de ser civilizados” (VEIGA, 2007, p. 149).

No século XX, com as demandas do processo industrial e com a chegada das máquinas, o mundo capitalista exigia dos seus trabalhadores a necessitavam de conhecimentos na área de informática e de uma base na leitura, escrita e cálculos.

Para Libâneo (2012), a “escola é uma organização socialmente construída”. A compreensão de escola se modifica em determinados períodos históricos e da maneira como se volta o olhar para esta instituição. Em uma perspectiva crítica:

A escola é vista como uma organização política, ideológica e cultural em que indivíduos e grupos de diferentes interesses, preferências, crenças, valores e percepções da realidade mobilizam poderes e elaboram processos de negociação, pactos e enfrentamentos (LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI, 2012, p. 235).

Temos vários modelos de escolas, um para cada classe social. Temos escolas particulares para as classes altas e médias e a escola pública para a classe baixa ou a população pobre. As escolas públicas na contemporaneidade apresentam muitos resquícios da escola pública de quando foi criada, como se estivessemos parados no tempo. O público alvo da escola pública nos dias atuais são alunos que compõem a classe popular, são pessoas que não tem condições financeiras para a educação de seus filhos e, dessa forma, precisam do fornecimento do Estado.

Na Constituição Federal vigente, o art. 205 e 206 dispõe que

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: (EC no 19/98 e EC no 53/2006) I–igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II–liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III–pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV–gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; V–valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas; VI–gestão democrática do ensino público, na forma da lei; VII–garantia de padrão de qualidade; VIII–piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal. (BRASIL, 2016, p. 123)

A escola é um espaço de troca e construção de saberes, aprendizado e ensino, que busca a “formação cultural e científica”, visando o desenvolvimento da criança nas suas “capacidades e habilidades cognitivas” e que tenham um domínio de conhecimentos, para exercer a sua cidadania, saber aplicar esses conhecimentos na vida e para o mercado de trabalho (LIBÂNEO, 2013, p. 32). Lugar de convivência e socialização entre pares, refletem sobre suas realidades e seus anseios. Um passaporte para o mundo letrado, que tem a possibilidade de levar as crianças a um mundo melhor. Nesse espaço que a criança vai se desenvolver socialmente, tirar suas dúvidas e pode refletir e discutir sobre a sua realidade e seus conhecimentos.

Muitas vezes a escola tem se tornado um espaço que reproduz desigualdades, quando não reconhece as experiências dos alunos. Muitas vezes possui um currículo alheio à realidade de seus alunos, mais voltado para os valores e normas da classe dominante, que não quer ver os filhos da classe popular estudando cursos que os habilite a ocupar cargos no alto escalão, destinados à elite. Por isso, muitas das vezes o ensino público é desvalorizado. Para muitos os filhos da classe popular precisam aprender só o essencial, para exercer uma profissão manual e fabril.

Na sociedade capitalista, o saber se torna propriedade dos grupos e classes que detêm o poder e que controla a sua difusão: para os seus filhos oferecem o ensino das ciências sociais e exatas, além de uma preparação intelectual; para os filhos dos trabalhadores limitam e simplificam os conteúdos, destinando-lhes uma débil formação intelectual, pois se trata de prepará-los para o trabalho. (LIBÂNEO, 2013, p.154).

No dia 03/01/2020, o presidente da República Jair Bolsonaro afirmou que a partir de 2021 os livros didáticos iriam ter um estilo mais “leve”.² Na opinião deste presidente, os livros didáticos atuais têm “muita coisa escrita”. Cada vez mais as escolas públicas vêm sofrendo desvalorização por parte da sociedade e por parte dos governos.

Temos a Constituição Federal que garante os nossos direitos, mas muitas das vezes, esses direitos não chegam na prática para todas as pessoas. Temos muitas pessoas que são excluídas da sociedade, não tem o pão de cada dia, uma casa para repousar. Muitos trabalhadores trabalham horas a fio, não tem o direito de um lazer com sua família.

De acordo com Libâneo (2013), no Brasil, nas últimas décadas, mesmo tendo um significativo aumento de matrículas dos alunos das classe popular, ainda temos milhões de crianças fora da escola e uma boa parte das crianças que chegam a se matricular, não conseguem continuar seus estudos. Logo, ficam no meio do caminho, pois, precisam trabalhar desde cedo para ajudar a família ou para a própria sobrevivência.

Os governantes não cumprem o seu papel ao apenas disponibilizar escolas para todos. É preciso que o Estado garanta a permanência desses alunos na escola. Muitas crianças e

² Ver artigo de autoria dos jornalistas Daniel Gullino, Renato Grandelle e Paula Ferreira, intitulado “Bolsonaro defende mudança em livros didáticos: 'Muita coisa escrita, tem que suavizar'”, publicado no portal *O Globo*, em 3 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-defende-mudanca-em-livros-didaticos-muita-coisa-escrita-tem-que-suavizar-24170001>

jovens vivem esse tipo violência no seu dia a dia, sendo impedidas de gozar seus direitos e viver com dignidade em sociedade.

Sabemos que quanto mais desvalorizado o ensino e os profissionais da educação, mais nossas escolas são depredadas e esquecidas. Há uma desestruturação do ensino e da instituição como um todo, tudo isso leva a uma brecha para a violência adentrar cada vez mais nas escolas.

No decorrer dos anos, o nosso conceito sobre violência também se modificou. Há 40 anos, muitos dos acontecimentos escolares eram passados despercebidos, pois não entravam na conceituação de violência, eram vistos como incivilidades e microviolências, e não eram combatidas.

Estamos em tempos de insegurança generalizada, não importa onde estamos, não estamos imunes a violência no espaço escolar. Por muito tempo o espaço escolar foi guardado como um lugar sagrado. Nas últimas décadas, a violência foi entrando silenciosamente e se instalando de várias formas e de várias expressões dentro do espaço escolar.

2.2 A Violência

A violência tem várias faces, causas e motivos. É um fenômeno primitivo, universal e de difícil compreensão, com muitas polêmicas e controvérsias. Está presente em todos os lugares, faixas etárias e classes sociais, e faz parte do nosso cotidiano. Segundo Abramovay (2006, p. 54), são muitas as formas assumidas pela violência. Existe uma diferença em cada período histórico e cultural, que afeta a compreensão sobre o tema. O conceito de violência é “relativo, histórico e mutável”, pode ter deslocamento de sentido. Por esse motivo o conceito de violência que temos aqui no Brasil pode diferenciar de outros lugares do mundo.

O Dicionário Online de Português define-se “violência” como “qualidade ou caráter de violento, do que age com força, ímpeto. Ação violenta, agressiva, que faz uso da força bruta: cometer violências”. [Jurídico] “Constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, que obriga essa pessoa a fazer o que lhe é imposto: violência física, violência psicológica”.

Para Charlot a conceituação de violência, quando se trata de questões voltadas para a educação é a seguinte:

“Violência” é o nome que se dá a um ato, uma palavra, uma situação, etc., em que um ser humano é tratado como um objeto, sendo negado seus direitos e sua dignidade de ser humano, de membro de uma sociedade, de sujeito insubstituível. Assim definida, a violência é o exato contrário da educação, que ajuda a advir o ser humano, o membro da sociedade, o sujeito singular. (CHARLOT, 2006, p. 25).

É um conceito complexo e amplo, que precisamos estar atentos para a sua concepção. Pode se apresentar de diferentes formas como: a violência autodirigida (suicídio), a violência contra a mulher, violência sexual, violência doméstica, violência policial, violência política, violência simbólica, entre tantas outras. Tem suas características emocionais, psicológicas, sexuais, física, econômica e social.

Andrade (2007), destaca alguns aspectos que são comuns a todas as violências, que comportam todas as dimensões: “psicológicas, sociais, biológicas, econômicas, jurídica-normativa, ética, história”. Estes são algumas concepções na construção do conceito de violência:

Abuso de poder e força (simbólica, material, física, tecnológica, financeira etc.); intencionalidade; transgressão de normas e valores; desrespeito à alteridade (e/ou à identidade); dano (medido por seus efeitos simbólicos e materiais); e desejo caracterizam, assim, a violência, numa combinação que aponta sempre para as relações intersubjetivas próprias ao cenário psicossocial (logo, exclusivamente humanas). (ANDRADE, 2007, p. 76).

É bastante importante entendermos que o fenômeno da violência não é algo novo, está presente em toda a história da humanidade, temos relatos em textos e em várias passagens da bíblia. Muitos relatos de acontecimentos que foram marcados pela violência, desde o início da história do homem, em que Caim matou o seu próprio irmão Abel. No mundo todo ouvimos relatos de massacres envolvendo pessoas inocentes: homens, mulheres e crianças, vítimas da ganância do homem para adquirir mais poder. A luta pelo poder está na origem das grandes guerras, das desavenças políticas, envolvendo ditadores que mataram por uma busca insaciável por poder.

O nosso país é muito grande em questões de território, temos uma vasta gama em culturas, origens e etnias como os índios nativos, colonizadores portugueses, os(as) negros(as) africanos que aqui chegaram por meio da imigração forçada, foram tirados de suas comunidades, casas e famílias contra a sua vontade para serem levados a outros continentes

para serem escravizados, com a utilização do discurso da inferioridade racial e o interesse econômico dos portugueses , além de outros povos que aqui chegaram.

O sequestro e a coisificação de seres humanos provenientes da África se prolongaram por mais de trezentos anos e atingiu, segundo os estudiosos, dez milhões de pessoas arrancadas de sua terra natal, sem contar seus descendentes nascidos no cativeiro. Desses africanos transportados para o continente americano, 40% foram trazidos para o Brasil, que é assim o país que mais recebeu escravos negros na história. (BAGNO, 2014, p.9)

Portanto, desde a colonização temos violências arraigadas, de origens sociais e culturais, desdobrando-se em desigualdades sociais, econômicas, raciais e de gênero.

Os meios midiáticos, nesta última década, têm dado bastante atenção e enfoque quando a notícia é relacionada à violência. Existem programas diários, nos quais o foco principal é a violência em todas as suas dimensões (roubos, homicídios, estupros, violência contra as mulheres entre outras). Fica uma grande preocupação porque, de acordo com Blomart, “a violência afeta os que são submetidos a ela, os que a praticam, e até mesmo os que a assistem!” (BLOMART, 2002, pg.45). Com esses programas percebemos o quanto a violência tem aumentado e como ela tem adentrado em todos os espaços e classes sociais.

Na contemporaneidade a violência é um dos temas mais preocupantes que tem tirado a tranquilidade cotidiana das pessoas. Não existe lugar específico para esse fenômeno acontecer, pode ser, nas ruas, nas zonas rurais, dentro da sua própria residência, nas escolas, nos hospitais, em qualquer lugar, as pessoas não se sentem mais seguras.

Para aprofundar nosso estudo sobre violência, consideramos relevante fazer algumas diferenciações, bem como compreender os vários tipos de violência no contexto escolar e o conceito para cada um desses tipos. É o que iremos tratar adiante.

2.3 Diferenciando alguns tipos de violências no ambiente escolar

Dentre os vários tipos de violência no contexto escolar, a primeira que podemos nos referir são as *incivildades*. Trata-se de pequenos atos e ações cometidos repetidamente, dentro da escola e da sala de aula. Para Abramovay (2006, p. 121) e Debarbieux (2002, p. 28), as intimidações, no sentido jurídico, não são absolutamente comportamentos ilegais, mas que podem infringir a ordem do cotidiano escolar. As incivildades estão dentro do grupo da

violência escolar. Pode ser um estopim para a agressão física, acontece de forma mútua tanto da parte das crianças como dos adultos. Quando são acumulados criam, muitas das vezes, um clima de desconforto tanto nos professores como nos alunos, chegando ao limite de atingir a dignidade das vítimas. A esses atos podemos dar o nome de violência. Apresenta-se como: linguagem com palavrões ou termos vulgares, falas ofensivas, xingamentos, humilhações, brincadeiras de mau gosto e empurrões.

Na maioria das vezes não recebem acompanhamentos necessários, neste sentido as vítimas se sentem esquecidas. “O que é grave não é ‘um’ ato de incivilidade, mas sua repetição, a sensação de abandono que resulta nas vítimas e o sentimento de impunidade que se desenvolve entre os perpetradores.” (DEBARBIEUX, 2002, p. 28). Quando esses atos não sofrem as devidas punições, a impunidade contribui para que o agressor se sinta motivado para cometer outras vezes.

Blomart (2002, p. 35) define a incivilidade sendo um comportamento “antissocial”. No cotidiano da escola toma diferentes formas como ruídos e falas em tom elevado, recusa a fazer a tarefa, ou a participar de trabalhos, indiferenças, hostilidade e gozação e ironia com professor(a) e os colegas, levando, assim, a sala de aula a se tornar um ambiente hostil e pesado, e ao desgaste físico e emocional do(a) professor(a), destruindo as relações entre as crianças e os adultos.

Muitas das vezes passam despercebidos, por ser algo tão corriqueiro na rotina escolar, que já se tornou de certa forma algo invisível, entretanto, é mais presente que violências mais graves. Assim, vamos abrindo brechas para que a violência, de uma forma brutal e cruel, entre na escola, um simples esbarrão ou um xingamento podem ser motivos que levam o aluno a uma agressão física.

Outro tipo de violência é denominado *agressividade*, entendida como “tendência a agir de maneira violenta ou hostil.” Agressivo como aquele “que age ou que tende a agir com agressividade” (RAMOS, 2011, pg.37)

A agressividade é uma disposição biopsíquica reacional: a frustração (inevitável quando não podemos viver sob o princípio único do prazer) leva a angústia e a agressividade. A agressão é um ato que implica uma brutalidade física e verbal (agredir é aproximar-se, abordar alguém, atacá-lo). (CHARLOT, 2002, p. 435-436).

De acordo com Charlot (2002, p. 437-438) não podemos eliminar a agressividade, a agressão e o conflito de dentro do ambiente escolar. Pois, a “agressividade sublimada” está

presente na conduta socialmente valorizada, como no esporte e em todas as formas de concorrências. O importante é termos a consciência de quais formas de agressividades e conflitos são legítimos e aceitos. Não podemos fazer desaparecer, mas sim, regulá-las pela palavra e não pela violência. Quando não tem diálogo a violência se torna bem mais provável

Segundo Smith, a maioria das crianças tem o seu comportamento agressivo, de modo razoável, dessa forma não perturbam o andamento das atividades em sala de aula. Todavia, “algumas crianças, mostram níveis de agressividade incomumente altos, gerando comportamentos que podem perdurar ao longo do tempo e, frequentemente, exigir a intervenção de adultos.” (Smith, 2002, pg. 47).

De acordo com Priotto (2009, p. 6058), podemos definir violência escolar, sendo ações e atos de violência que ocorrem dentro do espaço escolar, praticados por alunos, professores, gestores, funcionários ou pessoas de fora que invadam a escola (seja acerto de contas ou ameaças), em frente a escola e/ou nas suas proximidade, sendo praticados por pessoas da escola. São violências vindas de fora como: o tráfico de drogas e também as vivências criadas dentro do seio da escolar a exemplo de: conflitos nas relações professor-aluno e vice-versa, gestão-aluno e dos alunos em si.

Vai desde comportamentos violentos, contra a escola ou contra os colegas, professores e alunos, discriminação, depredação, vandalismo ao patrimônio público, tráfico de drogas, intimidação, *bullying* até a agressões físicas ou mortes, currículo alheio a realidade escolar, avaliação como punições, entre outros.

Charlot (2002, p. 432) destaca que a violência não é um fenômeno novo, que surgiu nos anos 80 e se desenvolveu nos anos 90. Que historicamente a questão da violência na escola não é nova. No século XIX, há relatos na França que houve alguns casos nas escolas de 2º grau, que aconteceram explosões violentas que resultaram em prisões. Assim como, nos anos 50 e 60, nas escolas profissionais, as relações entre alunos eram tidas de modos violentos. A violência não é um fenômeno novo, mas hoje ela assume novas formas.

As primeiras formas de violência dentro do espaço escolar, segundo Charlot (2002, p. 433), surgiram como formas de violências muito mais graves do que as de hoje, que é caso de estupros, homicídios, agressões com armas, esses fatos continuam raros, mas ainda geram um certo medo e desconforto na sociedade em geral. Cada vez mais cedo os jovens

estão se envolvendo em fatos violentos, crianças de 8 a 13 anos se mostram violentas frente aos adultos.

Essa violência mais dura, mesmo sendo raras, ainda existem, e deixam a sociedade em constante alerta, como foi nas últimas chacinas que aconteceram aqui no Brasil: Suzano 2018, Janaúba 2017, Realengo 2011. e muitas outras no mundo inteiro. Percebemos que “cada vez mais repercute a ideia de que as escolas estão se tornando territórios de agressão e conflitos. Notícias sobre homicídios e uso de armas em estabelecimentos de ensino surgem em diversas partes do mundo”. (ABRAMOVAY, 2006, p. 66). Violências que foram cometidas inicialmente de forma silenciosa, como o *Bullying*, e que tomaram proporções gravíssimas.

Quando pensamos em violência vem logo em nossa memória a violência física na sua forma mais grave como o homicídio, o estupro, o espancamento. Mas, se nos afastamos um pouco dessa violência mais grave, quando se trata de ofensas, intimidações, sarcasmo, ameaças, xingamentos, incivilidades, brincadeiras e *bullying*, vêm as dúvidas se esses atos também são violências, O que se entende por violência ou a sua definição tem se expandido, cada dia abarcando mais atitudes e ações. “Violência é tudo o que afeta a integridade física e mental de alguém e, por isso, conduz a algum sofrimento” (CORTELLA, 2013, p. 59)

A violência escolar não se limita apenas às escolas que estão em bairros pobres e periféricos ou de grandes cidades, ela está presente em todos os lugares, mas temos que levar em consideração o contexto em que as escolas estão inseridas. Não podemos deixar de lado que existem lugares mais propensos a desenvolver esse fenômeno, lugares onde existe a pobreza extrema, a falta de alimentação, desemprego. Blomart (2002, p. 36) cita vários autores (Debarbieux, 1996, 1988; Montoya, 1988; Pain, 1997; Payet, 1995) que identificam fatores que podem propiciar a violência na escola:

A difícil situação social (pobreza, desemprego, injustiça social, xenofobia...)

Insegurança dentro da família (conflitos, separações, criação de novas famílias, abandono, baixos padrões educacionais, etc.).

Os fatores relativos à instituição (prédios e ambientes sombrios e pouco acolhedores, disciplina rígida, elitismo, o nível de fracasso acadêmico, conflitos internos ao corpo docente...),

Os fatores ambientais (áreas de cortiços, moradias de baixa qualidade, insegurança nas ruas...). (BLOMART, 2002, p. 36).

Para entendermos a violência escolar, temos que entender os vários fatores e problemáticas que propiciam a violência nas escolas, ou seja, o contexto da realidade em que as crianças e adolescentes estão inseridos; a realidade do bairro ou comunidade em que estão inseridas; se suas comunidades tem casos de violências frequentes, como tráfico de drogas; se suas casas são construídas de formas precárias; se sua família sofre por problemas de conflitos, separações e até abandonos; se conseguem fazer as três refeições essenciais de sobrevivência; se a estrutura escolar é construída de forma adequada para o aluno se sentir acolhido; se o estilo de gestão e as normas da escola, de como os professores planejam sua aulas e os currículos, estão de acordo com a realidade dos alunos

De acordo com Andrade muitos professores, quando se deparam com conflitos dentro da sua sala de aula, nas várias formas de violência, indo desde a indisciplina, a agressão física e o *Bullying*, argumentam que esses problemas não são da esfera escolar, e sim, da família e da “infraestrutura socioeconômica”. Com essa atitude o professor se isenta da sua responsabilidade em gerenciar os conflitos sociais na escola. Entretanto, existem muitos professores que com o seu modo de falar e de agir conseguem gerir os conflitos que ocorrem dentro da sala de aula de uma forma pacífica. (ANDRADE, 2012, pg. 139-140).

Sabemos que tanto quanto a organização familiar a estrutura econômica propicia a violência, mas não podemos deixar de atentar para o papel da escola, quando a escola não cumpri o seu papel, ela também está propiciando a violência. Todos que fazem parte da organização escolar precisam estar engajados num real enfrentamento da violência em âmbito escolar.

De acordo com art. 18º do Estatuto da Criança e do Adolescente ECA (Lei nº 8069, de 13 de julho 1990), “é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangimento”. Isso tanto em sua comunidade, família ou escola, todas as crianças têm por direito ser tratadas com dignidades e respeito.

De acordo com Debarbieux (2002), muitas vezes reduzimos a violência escolar apenas à violência física, por ela ser a mais brutal, que nos causa uma maior indignação, mas não podemos deixar de atentar para as várias formas que esse fenômeno se apresenta na escola, visto que a violência simbólica, aparentemente não é perceptível, também causa marcas internas e profundas que o sujeito leva por toda a sua vida. Debarbieux destaca que

as pesquisas na Europa levaram um melhor entendimento sobre os mecanismos de intimidação por colegas, segundo o autor, as crianças submetidas a intimidação a longo prazo apresentam um risco quatro vezes maior que os demais a virem a cometer o suicídio.

Em vários estudos observamos que essas micro-violências por serem sutis e invisíveis, têm um poder avassalador de destruir o ser humano por dentro, muitas das vezes não é percebida, assim, se torna difícil de lidar com ela, por esse motivo o professor e gestores das escolas tem que estar preparados para lidar e identificar esses fenômenos, para fazer o enfrentamento da violência de uma forma eficaz.

3. A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

De acordo com Priotto (2009, p. 165-166) apud Abramovay (2004) destaca os tipos de violências escolares:

- a) violência Física: de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) ou de grupo(s) e também contra si mesmo, abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios. Além das diversas formas de agressões sexuais;
- b) agressão Física: homicídios, estupros, ferimentos, roubos, porte de armas que ferem, sangram e matam.
- c) violência Simbólica: Verbal - abuso do poder, baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade; Institucional – marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder;
- d) violência Verbal: incivildades (pressão psicológica) – humilhações, palavras grosseiras, desrespeito, intimidação ou “bullying”.

3.1 Violência física

Como já foi citado anteriormente, a agressão física é a ação mais grave de violência, foi a primeira a entrar no espaço escolar. Este tipo de violência não é a mais frequente nas escolas, porém, ganha bastante atenção pela sua brutalidade pelo alto nível de agressividade e as armas e ferramentas usadas para intensificar a agressão. Esse tipo de violência choca toda a sociedade, que fica apreensiva e receosa de novos acontecimentos.

A agressão física tem o principal objetivo machucar e humilhar, levando a pessoa a sentir dor, muitas das vezes essas agressões são tão brutais que levam a pessoa a sequelas graves e até a morte.

Geralmente é praticada por uma pessoa de maior porte físico ou idade, a vítima comumente possui uma situação de inferioridade. De acordo com Abramovay (2004, p. 175), “além da violência propagada individualmente entre os alunos, também é possível a sua manifestação de forma coletiva, por meio de grupos”. Se apresenta nas diversas formas como: homicídios, estupros, agressões com armas, socos, pancadas, pontapés. em alguns casos torna-se difícil reconhecer a vítima e o agressor, tendo em vista que muitas vítimas acabam revidando a agressão sofrida.

Na maioria das vezes ocorre entre alunos, mas também pode acontecer entre alunos (crianças e adolescentes) e adultos da escola (professores, gestores e funcionários). O aluno

pode agredir como também sofrer a agressão. As agressões ocorrem com alunos de diferentes idades, mas geralmente são discentes de uma faixa etária mais elevada, do ensino fundamental, e quase sempre são meninos. Muitas das vezes o que seria uma briga entre dois alunos pode se tornar uma briga entre grupos, podendo acontecer de um grupo contra outro grupo ou de um grupo contra apenas um, se caracterizando em hábito que se concretiza na forma de covardia.

É bastante frequente agressões físicas do lado de fora da escola, gestores e professores muitas vezes não interferem. Dessa forma, os alunos brigam, batem nos colegas e não sofrem nenhuma punição. Alegam que as agressões foram cometidas fora do espaço escolar.

Abramovay (2004, p. 174-175), em sua pesquisa nas capitais brasileiras, destaca que entre os alunos entrevistados, 5% afirma já ter apanhado na escola, em contrapartida 20% dos alunos afirma ter batido em alguém dentro da escola. Esse percentual indica que em uma agressão física há uma tendência de ação e reação, os alunos que apanham também batem. “A maior auto-identificação como agressor se orienta por um princípio de masculinidade e de heroísmo que dignifica o forte, o que bate, o que agride e em contrapartida estigmatiza o fraco, o que apanha, quem é agredido”. Assim, muitas vítimas silenciam por vergonha. A uma variação por faixa etária de alunos que se identificam como agressores, alunos entre 10 a 15 anos, 24% afirmam ter batido em alguém, os alunos que têm entre 16 a 19 anos é de 14%, essa pesquisa indica que quanto maior a idade, a proporção dos que afirmam ser agressores vai diminuindo.

Todo o corpo docente tem que estar atento para casos de violência física dentro do espaço escolar, muitas das vezes os alunos têm vergonha de falar e buscar ajuda depois de sofrer uma agressão. Pois, não é honroso apanhar, isso pode levar o aluno a sofrer *bullying* futuramente por parte dos colegas.

3.2 Violência psicológica e verbal

Agressões verbais referem-se às palavras que carregam um comportamento agressivo, que são consideradas como: palavras grosseiras, discussões, *bullying*, xingamentos, desrespeito, ofensas, incivilidades. Acontecem muitas das vezes por motivos banais ou por motivos do cotidiano escolar, que humilha, ofende e manipula.

Muitos alunos buscam uma linguagem que pode ser entendida como vulgar e agressiva e que contém sarcasmos e xingamentos. Para eles essa linguagem é normal, algo corriqueiro nas escolas. Se a escola é um instrumento social, é função da escola intervir de forma ativa, como espaço de diálogos e interação entre pares, que possibilite o respeito mútuo. Quase sempre essas agressões acontecem sem nenhum motivo ou por algo simples como um olhar, um esbarrão sem querer no colega, que se tornam motivos para xingamentos.

Essas micro-violência, são vistas como violências, mesmo compreendidas como de menor grau, esses atos podem ser estopins para a violência física. Podem atingir alunos, professores e integrante da comunidade escolar. Portanto, a violência psicológica/verbal cada vez mais vem se tornando comum na rotina escolar.

Mesmo sendo uma violência tida como de menor gravidade, precisamos estar atentos, pois, quando esses atos sofrem repetições, muita das vezes leva à vítima a se sentir inferiorizada, a autoestima fica baixa, cria tensões de ansiedade e medo. Podendo causar sérios problemas psicológicos nos alunos, perdendo o interesse de frequentar as aulas, sendo um dos fatores de reprovação e desistência escolar.

3.3 Violência simbólica

Para Abramovay (2006), a violência simbólica é dividida em verbal e institucional. A verbal constitui-se quando há um abuso de poder, que se baseia no consentimento, vai se estabelecendo, e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade. A Institucional vai desde a marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento, que são utilizadas pelas escolas como estratégias de poder, acontece entre alunos e professores, como entre professores e direção.

De acordo com Abramovay (2006, p. 71), “a escola é também considerada um dos veículos de produção e de disseminação da violência simbólica na nossa sociedade”, quando as instituições e as pessoas que a compõe baseiam suas relações no excesso de poder. Pode ser encontrada na forma de xingamentos, chacotas, deboches, escárnio, gozação, brincadeiras, entre outras. Essa violência tem a intenção de diminuir com a dignidade da pessoa, provocando um certo desconforto e medo.

De acordo com Carvalho (2012, p. 95 *apud* Bourdieu, 1999), “a violência simbólica, uma forma de violência invisível, branda, exercida com o consentimento do/a dominado/a e

caracteriza pela submissão encantada.” Essa violência propicia e justifica o aparecimento ocasional e consentido.

É uma violência que não usa a força física, mas que procura causar danos morais e psicológicos, quando o professor usa da sua autoridade para tirar uma brincadeira racista ou homofóbica com seus alunos e essa brincadeira fere moralmente algum aluno, ele está praticando a violência simbólica. Assim, pode causar danos profundos ao seu aluno, ao ponto em que muitos chegam a abandonar a escola.

3.4. Classificando a violência escolar

A violência na escola é conceituada como todos os atos de violência que são cometidos dentro do espaço escolar, abrangendo desde a rua em que se encontra a escola até todos os espaços internos (sala de aula, pátio, corredores, banheiro, quadra de esportes). Praticadas por diretores, professores, auxiliares, alunos, ex-alunos e familiares dos alunos e por pessoas de fora da escola. Se manifesta tanto na forma de agressão física como (chutes, murros, espancamentos, homicídios) como na forma verbal ou intimidações linguagem com palavrões ou termos vulgares, falas ofensivas, xingamentos, humilhações, brincadeiras de mau gosto.

3.4.1 Conceituação sobre violência na escola

Para entendermos sobre a *violência na escola*, Charlot (2002, p. 434, 435) elaborou uma classificação dividindo em três formas: violência na escola, a que acontece dentro do limite escolar; violência da escola, toda a violência praticada pela escola; e violência contra a escola, as violências que são praticadas contra o patrimônio escolar e seus colaboradores.

A violência *na* escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando invade a escola para acertar contas das disputas que são do bairro. A violência *da* escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência *da* escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos,

atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...). (CHARLOT, 2002, p. 433-435)

Outra forma de violência na escola ocorre por ocasião das invasões de pessoas que não fazem parte da escola. Quando pessoas de fora da escola, invadem a escola para acertar contas com alunos ou profissionais da escola. Quando um integrante ou bando de uma facção criminosa invade a escola para matar um aluno. Quando um pai invade a escola para tirar satisfação de algum acontecimento envolvendo o seu filho. Essas são violências na escola, pois, acontecem dentro do espaço escolar.

Em casos mais graves a escola em si não tem como resolver, tem que acionar a polícia, passando a ser caso policial.

Um outro caso comum de violência na escola é o *Bullying*. Segundo Blaya (2002, p. 72), o conceito de *Bullying* foi definido como “o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão”. Vão desde xingamentos, agressões físicas, gestos ofensivos e exclusões e isolamentos de crianças de grupos de amizades e espalhando boatos maldosos que vão denegrir a imagens do colega, esses tipos de intimidações geram a baixa autoestima, provocando casos de suicídios. (BLAYA, 2002, p. 72 APUD TATTUM E HERBERT, 1993)

De acordo com Gonçalves (2011, p. 38-42 apud TOGNETTA E VINHA, 2010). É possível encontrar algumas particularidades do *bullying*. Quando *traz* características peculiares, acontece entre pares, que vem com uma intenção para praticar a ação violenta, geralmente se escolhe um alvo mais fraco e vulnerável, a grande propensão da pessoa que sofreu *bullying* passar de vítima para agressor, como é um ato que se fortalece com a repetição, e acontece onde existe público para assistir, quanto mais risadas, mais o agressor se sente estimulado a praticar a violência.

Para o alvo de *bullying* não perpetuar essa condição “é necessário fortalecer a imagem que possui de si próprio, a fim de que não concorde com as imagens que os outros autores da agressão constroem dele”. Só será possível se desviar dessa situação se fortalecer a sua autoestima. (GONÇALVES, 2011, p. 42).

No dia 09 de novembro de 2015 foi publicada a Lei nº 13.185 que Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (***Bullying***).

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (**bullying**) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas

Art. 2º Caracteriza-se a intimidação sistemática (bullying) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda: ataques físicos, insultos pessoais, comentários sistemáticos e apelidos pejorativos, ameaças por quaisquer meios, grafites depreciativos, expressões preconceituosas, isolamento social consciente e premeditado, pilhérias.

Art. 3º A intimidação sistemática (**bullying**) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como: verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente, moral: difamar, caluniar, disseminar rumores, sexual: assediar, induzir e/ou abusar, social: ignorar, isolar e excluir, psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar, físico: socar, chutar, bater, material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem, virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.

Um dos grandes desafios das escolas públicas nos dias atuais é o enfrentamento da violência, por intimidação sistemática, com o mais popular conhecido como o *bullying*, vivemos uma epidemia de casos, todos os dias se deparamos com milhares deles, acontece por causa da cor da pele, da orientação sexual ou religiosa, por causa da aparência física, e muitos outros motivos. Pode acontecer dentro da escola ou via internet (*CYBERBULLYING*), utiliza-se as ferramentas digitais como *e-mail*, aplicativos, redes sociais, com o intuito de denegrir a imagem de uma pessoa, humilhar, levantar difamações, entre outros. Pode levar a casos de depressão e até suicídios.

3.4.2 Conceituação sobre violência da escola

Violência da escola são todos os atos e práticas cometidos e impostas pela instituição escolar que afete todos os que fazem parte da escola. Pode ser cometido pela gestão, quando desvaloriza o corpo docente, quando não contrata professores com formação, não disponibiliza uma formação continuada. Pelos professores quando não planejam suas aulas adequadamente, contemplam conteúdos alheios à realidade de seus alunos, usam a avaliação para fins de vingança por mau comportamento.

O estilo convencional de aulas, geralmente igual para todas as matérias, a falta de entusiasmo do professor, a dificuldade de tratar os conteúdos de uma forma viva e dinâmica contribuem para tornar o estudo uma atividade enfadonha, rotineira,

levando os alunos a se desinteressarem e a perderem o gosto pela escola. (LIBÂNEO, 2013, p. 115).

Essas práticas têm consequências como: o desinteresse do aluno na hora da aula, conteúdos fora da realidade do aluno, do que ele planeja para o seu futuro profissional, e com tudo isso, o aluno se sente desmotivado, levando ao fracasso e ao abandono escolar. O professor se sente angustiado, com uma sensação de fracasso, começa a se sentir despreparado.

Dentre os tipos de violência da escola, o primeiro que pode ser identificado é em relação ao *currículo*. A violência quando se trata de currículo vem de uma forma sutil e muitas vezes invisível, percebida apenas por quem está vivenciando todos os dias. Muitas escolas não têm um Projeto Político Pedagógico ou tem e é totalmente alheio a realidade em que a escola se encontra. O currículo parte de uma realidade que não condiz com a dos alunos, o professor não conhece seus alunos, faz um planejamento distante da realidade e muitas das vezes se perde no percurso, o interesse dos alunos vai aos poucos sumindo. Quando o aluno não vê sentido no que ele está estudando, ele se torna uma vítima.

Vivemos um grande retrocesso em questões de currículo, quando temos uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), cada região tem as suas particularidades, temos um país com grande extensão territorial, várias culturas e diferentes raças. Arroio (2006, p. 30) “...altas porcentagens de alunos que não atinge esse padrão de normalidade são classificadas como incapazes, fracassados. Serão reprovados e condenados a repetir, tentar de novo até atingir o ritmo.”. Quando o currículo não consegue abarcar todas as singularidades, ele está, de certa forma, sendo violento.

Outro tipo de violência da escola se refere aos processos e instrumentos de *avaliação*. A avaliação é uma ferramenta importantíssima no ensino, necessária e tem que ser feita constantemente, por meio dela que acompanhamos todos os passos do ensino e da aprendizagem, na qual nos baseamos para o nosso trabalho para fazermos as correções necessárias, constatamos os progressos e dificuldades.

Mas quando usada de má fé, de forma imprópria, para prejudicar a turma toda, a um grupo de alunos ou a um aluno em especial, a avaliação se torna uma forma de violência. Usa-se a avaliação para favorecer alunos que têm bom comportamento e para punir os alunos que são indisciplinados e não se interessam pelas atividades, através de ameaças e

intimidações. Neste sentido, torna-se um ato de violência silenciosa, que muitas das vezes passa despercebida por alguns.

Além desses tipos de violência da escola, outra que ocorre é o *abuso de poder*. Pode acontecer por parte da gestão e professores, usam a sua autoridade além do que é permitido, saindo da ética profissional, para diminuir e humilhar alguém. Usa o poder que exerce para o seu próprio benefício, deixando de lado os seus deveres.

A *desvalorização do professor* é, também, como um tipo de violência da escola. Cada vez mais o trabalho docente vem sendo precarizado, a partir de como a sociedade tem visto a educação, com as grande facilidade de conteúdos *online*, muitas exigências educativas, de como os investimentos vêm sendo reduzidos, políticas públicas não têm dado a devida valorização aos professores.

Vemos hoje uma grande onda de desvalorização dos profissionais da educação, o professor não tem mais autonomia para trabalhar da maneira mais adequada para o aprendizado dos alunos. Vem das secretarias uma grande seleção de conteúdos que o professor tem que dar conta, muitas das vezes o ritmo da turma é totalmente diferente e não consegue acompanhar o planejamento, alunos não conseguem aprender e os professores se sentem incapazes.

Uma das grandes preocupações é o baixo salário, o professor tem que trabalhar em mais de uma escola para conseguir ter um salário digno, assim, acaba ficando sobrecarregado e muitas das vezes não dando conta de desenvolver o seu trabalho como deveria.

3.4.3 Conceituação sobre violência **contra a** escola

A *violência contra a escola* é todo ato cometido contra a escola e seus representantes (professores, gestores e funcionários). Pode ser cometido por pessoas da escola, como também cometidos por invasores. Vai desde pichações, depredação, quebrar carteiras, cadeiras, portas, armários, rasgar livros e roubos de equipamentos eletrônicos, bater no professor, insultar funcionários.

De acordo com Charlot (2002, p. 435) a violência contra a escola tem que ser analisada junto com a violência da escola “uma violência institucional simbólica”, como os

alunos se comportam frente a forma como a instituição escolar e seus responsáveis os tratam, vai desde quando um professor xinga ou apelida um aluno que lhe traga constrangimento ou lhe diminua, atribuição de notas, atos de injustiças e de preconceitos, entre outras. Essas atitudes podem despertar uma frustração entre os alunos, que liberam sua agressividade.

É possível classificar a violência contra a escola em três tipos: vandalismos, pichações e bater e desrespeitar professores.

O *vandalismo* acontece quando a violência é destinada a bens materiais da escola, com o intuito de destruir o patrimônio público, como: quebrar a carteira, depredar janelas, destruir armários, pichações; ou a objetos pertencente ao professor: cadernetas, livros e materiais destinados à aula, se concretizando no ato de intimidar o professor.

São cometidos pelos próprios estudantes em atos de violências contra a escola, ou contra algum participante da escola, quando um aluno ou um grupo brigam e jogam cadeiras entre si, ou de forma proposital quebra objetos da escola. Por vândalos que invadem a escola para roubar equipamentos ou em certos casos quebram tudo o que tem na escola, destroem livros, picham a escola com mensagens grotescas e de ódio.

A escola cada vez mais vem sendo depredada, salas de aulas com carteiras quebradas, riscadas e velhas se desmanchando, as paredes sujas e os vidros das venezianas quebrados, quadro negro desgastados, banheiros com más condições de higiene, banheiros com portas quebradas ou arrancadas, sem caixa de descargas. Sendo estas práticas de vandalismos, em sua maioria, feitas por alunos, ex-alunos e invasores.

Outra forma de violência contra a escola são as *pichações*. São todas as coisas escritas ou rabiscadas nas paredes, nas portas da sala de aula ou no banheiro. Que foram feitas sem a permissão de um responsável pelo estabelecimento escolar. Pode ser praticada por alunos da própria escola, como por invasores, vai desde pichações sem nenhuma mensagem, até palavras de baixo escalão que buscam denegrir e diminuir a imagem de um colega, professor e gestores. Além de ser uma violência contra a escola, porque está poluindo e sujando o patrimônio escolar, é uma violência na escola porque pode afetar outras pessoas pelo conteúdo maldoso das mensagens.

É uma das causas de vandalismos mais encontradas nas escolas, contra esse tipo de violência temos o Art. 65 da Lei 9.605/98, sancionada pela Presidenta Dilma Rousseff, que afirma que a Pichação é crime e pode levar a pessoa a detenção de 3(três) meses a 1 (um)

ano, e multa. Quando o aluno danificar qualquer objeto da escola, pela lei ele é obrigado a consertar ou até pagar pelo dano cometido. Mas, na prática das escolas públicas essa lei não funciona, muitos saem impunes, o que pode levar a cometer o ato outras vezes.

Por fim, a terceira forma de violência contra a escola é bater e desrespeitar professores. São atitudes violentas e agressivas destinadas a professores. O desrespeito vai desde chamar palavrão com o professor, gritar, não querer obedecer às normas postas pelo professor, agressões físicas como: bater, chutar e atirar cadeiras e outros objetos e em alguns casos os professores são vítimas de homicídios.

Cada vez mais fica corriqueiro alunos baterem e desrespeitarem os professores, por muitas das vezes se sentiram injustiçados ou até agredidos pela forma como o professor de alguma forma os tratou. Uma nota baixa, uma brincadeira de mal gosto ou até racista pode ser um estopim para uma agressão.

O professor tem que está seguro do seu papel na sala de aula, a gestão tem que valorizar e dar apoio necessário ao professor para que se sinta seguro, o professor que se senti acolhido pela gestão, vai ter a confiança que precisa para lidar com o conflito e evitar proporções maiores.

Portanto, o que precisamos é de um respeito mútuo entre professores, alunos e gestores. Os professores têm que demonstrar ética profissional, saber gerir suas emoções, e os alunos saberem o significado de respeitar o professor e as outras pessoas, pois, a falta de respeito mesmo não sendo crime, pode e deve ser punida, a gestão deve atuar de forma adequada nestes casos, verificando se a postura do professor está sendo correta ou se o aluno está desrespeitando as normas postar pelo professor.

4 ANÁLISE E COLETA DE DADOS

4.1 Trajetória Metodológica da Pesquisa

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória e de campo, com análise documental e coleta de dados. Gil (2008, p. 26), define a pesquisa como um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico”, que tem como objetivo fundamental “descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. “Sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador”. No que se refere a pesquisa de campo “o objetivo/fonte é abordado em seu meio ambiente natural. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem.

Segundo Severino (p. 123, 2007), a pesquisa exploratória: “busca levantar informações sobre um determinado campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”. Tomando como ponto de partida estas abordagens metodológicas, realizamos, em um primeiro momento, um levantamento bibliográfico, no qual buscamos compreender os conceitos e a complexidade da violência escolar por meio do estudo de vários textos. Dentre eles, merecem destaque: Andrade (2007), Debarbieux (2002), Charlot (2002), Libâneo, Oliveira, Toschi (2012), entre outros autores que contribuíram para uma melhor reflexão acerca do tema.

Em seguida realizamos uma análise documental, através de documentos impressos. Os documentos consultados foram Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, projeto *Anjos do Recreio* desenvolvido pela escola e o projeto e relatório do PROERD, programa vinculado à Secretaria de Segurança, mas especificamente à Polícia Militar. Para Gil, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. (GIL, 2008, p. 51).

No processo de realização da pesquisa, desenvolvemos quatro instrumentos de coleta de dados: ficha de observação, questionário, entrevista e análise documental. O objetivo de cada um destes instrumentos foi reunir informações sobre a realidade escolar, de forma que pudessem indicar situações de violência escolar ou do seu enfrentamento.

4.2 Caracterização do campo de pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Jaime Lacet, situada na Praça: Castelo Branco, 25 - Conjunto Tibiri I - Santa Rita, no Estado da Paraíba. Esta escola oferece o Ensino Fundamental e EJA, no terceiro turno. Foi fundada em 08 de dezembro de 1978, já passou por várias reformas, melhorando a sua estrutura física. Possui atualmente oito salas de aula, uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), uma cozinha, uma secretaria, uma sala de informática, quatro banheiros para os alunos e um para os funcionários. A maioria das salas é ampla, assim como os corredores, possui pátio interno coberto e externos, ao ar livre. Também possui uma quadra poliesportiva construída pelo Instituto Alpargatas em 30 de abril de 2003.

A equipe de gestores é formada por duas gestoras, ambas com curso superior. O quadro de docentes é composto por 16 professores, todos formados em nível superior, no total são 40 funcionários que compõem o quadro da escola.

A escola atende crianças, adolescentes e jovens, principalmente dos bairros periféricos próximos à escola como Paulo VI, Francisca Linhares e Jaqueira. Está situada em uma zona de vulnerabilidade socioeconômica, cujo atendimento dos alunos variam na faixa etária de 05 a 70 anos, distribuídos nos turnos manhã, tarde e noite. Ao todo são 447 (quatrocentos e quarenta e sete) alunos, 384 no diurno e 63 no noturno, grande parte dos alunos é de baixa renda.

4.3 Resultados a partir da observação da escola

Elaboramos uma ficha para observação (Apêndice 1) com as seguintes questões: Observação de sinais de violência na escola como pichação, paredes quebradas, vandalismo; Ambiente físico da escola como pátio, jardim, quadra e as salas de aula; A chegada dos alunos à escola, quem recepciona os alunos, como essa pessoa trata os alunos; Como os alunos se comportam dentro da escola e na hora do intervalo.

A partir da observação do ambiente físico da escola foi possível constatar que a escola é bem cuidada, com boa higienização. As paredes com pintura são conservadas, os chãos da escola são limpos, a escola é bem sinalizada, tem leiante e faixa de pedestre no meio do pátio.

As salas são bem arrumadas a maior parte das carteiras estão conservadas. Conforme observado, não há casos de depredação e nem de pichação.

Figura 1- Entrada da escola.



Fonte: Acervo da autora

A chegada e a entrada dos alunos costumam ser tranquilas. A diretora, todos os dias, faz o acolhimento aos alunos, dando informes e orientações, como, por exemplo, o de não poder correr na entrada. O intervalo são duram 30 minutos. Num primeiro momento do intervalo, é servido a merenda às crianças. Depois, ficam livres para brincadeiras. O recreio ocorre livremente, as crianças podem ficar no pátio interno ou na parte externa da escola. O pátio conta mesas e cadeiras feitas de materiais recicláveis como pneus. Há também a opção de recreio na quadra poliesportiva.

Figura 2 - Pátio externo no horário do intervalo



Fonte: Acervo da autora

Figura 3 - mesas no pátio externo.



Fonte: Acervo da autora

Figura 4 - Quadra poliesportiva



Fonte: Acervo da autora

Durante o recreio alguns alunos aproveitam para brincar de pega-pega, outros vão jogar bola. Como a escola tem três espaços em que as crianças possam brincar no intervalo, elas têm maior liberdade e não ficam aglomeradas. Quando o sinal toca todos voltam para a sala de aula.

Em um dos dias que estive na escolar para observação da movimentação no pátio, estava chovendo muito, as crianças não podiam sair para o pátio aberto e para a quadra de esporte, ficaram na pátio coberto, estava uma agitação maior. Não aconteceu nenhuma cena que pudesse remeter a algum incidente de violência.

4.4 Projetos de prevenção à violência escolar: análise documental

Tivemos acesso a dois projetos de enfrentamento à violência: o PROERD da Polícia Militar, em parceria com a Prefeitura, e o *Anjos do Recreio*, projeto criado e desenvolvido pela própria escola.

Enviamos um e-mail para a coordenação do projeto, ao qual nos enviaram os arquivos com os dados do projeto, contendo: a resolução do projeto, cartilhas, o livreiro e o relatório final.

O projeto Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência - PROERD, surgiu inicialmente nos E.U.A, em 1983. Expandiu-se em mais de 54 países, incluindo o Brasil. O PROERD é aplicado nas escolas públicas, estaduais e particulares, em parceria com os órgãos responsáveis. A coordenação pedagógica do PROERD é chefiada por um pedagogo, com um auxílio de um psicopedagogo, um assistente social e de assessores de acompanhamento técnico. O projeto foi regulamentado no Estado da Paraíba pela Resolução 0007/2016-GCG, João Pessoa-PB, 11 jul. 2016. Os objetivos deste programa são os seguintes:

Art. 4º - Compete ao PROGRAMA Educacional de Resistência às Drogas e à Violência - PROERD:

I. Desenvolver um sistema de prevenção contra a violência e o uso indevido de drogas nas escolas da Paraíba, sendo suas ações voltadas para crianças, adolescentes, jovens e adultos, através de atividades socioeducativas, usando métodos que priorizam a afetividade e o modelo de vida saudável, de acordo com a nossa realidade;

II. Fomentar a prevenção criminal, a partir da dimensão primária, a criminalidade em suas múltiplas manifestações, principalmente aquelas relacionadas ao uso indevido e ao tráfico de drogas;

III. Aproximar a Polícia Militar da população, como ação de polícia comunitária, desenvolvendo laços mútuos de confiança e respeito, a partir de uma atividade preventiva e educacional.

Art. 5º - A implantação do Proerd no âmbito da Polícia Militar da Paraíba ocorreu em virtude da publicação da Resolução nº 0002/GCG/2001, posteriormente revogada pela Resolução nº 0006/GCG/2003, de 27 de agosto de 2003, publicada no BOL PM Nº 0163, datado de 03 de setembro de 2003.

Os policiais militares para atuarem no PROERD como instrutores passam por um processo de seleção e um treinamento. O curso de formação de instrutores busca capacitar o Militar Estadual habilitando a aplicar aulas dos Currículos do Programa nas escolas públicas e particulares.

O programa é realizado exclusivamente por policiais militares que estão na ativa. Durante a sua atuação dentro da sala de aula os instrutores devem estar devidamente fardados, poderá portar armamento de porte individual.

As aulas são ministradas uma vez por semana, os conteúdos do currículo são específicos para cada faixa etária, é obrigatória a presença dos professores na sala de aula. A duração das aulas varia de acordo como previsto metodologicamente para cada Currículo. O currículo é dividido por série, cada série tem o seu conteúdo específico.

A conclusão com aproveitamento do Curso Proerd tem como critérios de avaliação a motivação e interesse do aluno pelo Programa, sendo indispensável a participação do aluno em todas aulas, com tolerância máxima de 25% de faltas.

As aulas do currículo PROERD foram ministradas por quatro Policiais Militares (instrutores PROERD – 7º BPM). São os mesmos responsáveis pelas aulas nos turnos da manhã e da tarde nas escolas interessadas e conveniadas, bem como pelas rondas nos perímetros das escolas em horários complementares.

O projeto desenvolvido na EMEF JAIME LACET alcançou 100% de aproveitamento, no ano de 2018, tendo todos os alunos participantes aprovados.

O programa PROERD não é um projeto voltado especificamente para a violência escolar, porém ele trabalha a violência de uma forma geral, focando na prevenção da droga dentro do ambiente escolar, dá um subsídio necessário para minimizar a violência escolar. Abarcando alguns assuntos como o *bullying*.

A partir do relatório final do programa foi possível obter a seguinte informação:

verifica-se uma diminuição significativa do quantitativo de ocorrências no âmbito das escolas do município, havendo uma ação presença mais constante de efetivo policial, não apenas melhorando o relacionamento Polícia-Escola-Família

(comunidade), como criando um estado de segurança. (Relatório final do PROERD - 2018).

Durante as nossas conversas com os professores da escola pesquisada, percebemos nas suas falas, o quanto o projeto da PROERD tem sido significativo no enfrentamento da violência escolar. De acordo com Blaya.

As escolas não são capazes, por si sós, de resolver todos os problemas: outros ingredientes indispensáveis para enfrentar o problema da melhoria do ambiente escolar são o trabalho conjunto de diversas agências, a participação da comunidade (BLAYA, 2002 p. 94).

A partir da pesquisa foi possível perceber que o PROERD é uma medida importante de enfrentamento da violência escolar, em especial aquelas relacionadas ao uso de drogas. Todavia, este notamos que este projeto poderia estar melhor articulado com outras ações desenvolvidas pela própria escola, como por exemplo, o projeto Anjos do Recreio.

4.5 A percepção dos professores e gestores

Além da pesquisa documental, tivemos a oportunidade de aplicar um questionário e entrevista aos(as) professores(as). A necessidade de aplicar um questionário nasceu da nossa percepção em relação ao envolvimento direto dos professores nos projetos analisados. Percebemos que a participação deles era de forma secundária. O questionário aplicado foi do tipo semi estruturado, contendo questões fechadas e abertas, que poderia proporcionar uma maior liberdade nas respostas. Gil define-se questionário como:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008, p. 121).

O questionário foi aplicado individualmente para 10 (dez) professores e 1 (uma) gestora. Participaram professores da turma da manhã e da tarde, o questionário é composto por 10 questões, sendo, 10 fechadas. (Apêndice 2).

A entrevista realizada (Apêndice 3) foi rica em informações a respeito do projeto Anjos do Recreio. Foi feita com a direção da escola, a supervisora e uma professora. Conforme Gil (2008, p. 107), a entrevista tem por objetivo de “obtenção dos dados que

interessam à investigação”. As perguntas foram do tipo informal, que, segundo Gil (2008, p. 111), é mais indicado porque “abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador, ou então oferecer visão aproximativa do problema pesquisado”. Durante as entrevistas, outras informações relevantes foram apresentadas, além daquelas previstas, e foram aproveitadas nesta pesquisas.

Reunimos, neste tópico, os dados coletados em ambos instrumentos, de modo a buscar compreender a percepção dos professores e gestores sobre a problemática da violência escolar e as experiências de enfrentamento que aquela comunidade educativa estava realizando.

As respostas à entrevista estiveram mais voltadas para o projeto *Anjos do Recreio*, ao enfrentamento da violência na escola e o PROERD. Pedimos para cada entrevistada falar um pouco sobre experiências significativas relativas ao enfrentamento da violência na escola, das ações e projetos que participa na escola, já houve caso de violência em alguma turma que deu aula? Como foi? O que aconteceu? Qual foi a atitude diante do ocorrido (essa pergunta foi direcionada à professora) e na escola como um todo se já tinha presenciado alguma situação de violência? E como a escola tinha administrado esses casos?

A partir das respostas obtidas com as entrevistas, foi possível saber que o Projeto Anjos do Recreio teve início no ano de 2017, quando foi observado vários casos de violência que acontecia no horário do intervalo, tais como a violência verbal (chamar palavrões, xingar o colega, e ,até, difamar), correr para bater no colega, brigas entre alunos e pequenos furtos.

A partir dessa realidade, a escola deu início ao projeto, com o objetivo de minimizar a violência no horário do intervalo, orientar para a devida atenção aos alunos com vistas a aumentar a auto estima e a autonomia dos alunos rotulados na escola e na própria família.

O projeto convida estudantes que queiram participar e oferece a eles treinamentos, oferecidos pela supervisão e direção da escola, em parceria com psicólogos da UNIMED João Pessoa.

Para a diretora,

Os alunos brigavam muito no intervalo e se machucavam entre si. Criamos o projeto Anjos do Recreio que trabalha com os alunos mais violentos, indicados pelos presidentes de sala que recebem formação com psicólogos e atuam como anjos que protegem os menores. (Fonte: entrevista com a gestora da escola).

A partir das entrevistas, obtivemos informações de como o projeto Anjos do Recreio é desenvolvido na escola. Começa com uma reunião com os alunos, mostrando o objetivo de os presidentes de sala escolher os alunos que vão participar do Anjos do Recreio 2020. Nesta reunião participaram a diretora da escola e oito presidentes das turmas do 1º. ao 5º. ano. A diretora apresentou o papel dos presidentes que são o de auxiliar os professores na sala de aula, e também ser porta voz de toda a turma, reivindicando suas queixas e buscando melhorias para a escola e a sala de aula.

A função do Anjo é a de proteger as outras crianças, para não brigar, ajudar e cuidar, não deixar os pequenos correr, xingar ou bater nos outros colegas. Os presidentes tinham que escolher aqueles alunos que dão mais trabalhos, que brigam com os outros, bagunça na hora do intervalo. Cada presidente poderia escolher três ou quatros alunos da sua sala para participar dos anjos do recreio.

Na reunião com os presidentes de turma foram escolhidos os alunos que iriam participar do projeto nas turmas do 1º ao 5º ano, foram escolhidos 24 crianças, 16 meninos, 7 meninas.

A formação com estes alunos aconteceu com a participação da supervisora, juntamente com uma psicóloga da UNIMED. Nesta reunião foram abordados temas relacionados à violência, convivência, respeito ao próximo e a si mesmo, da importância do projeto, qual a função do anjo: proteger seus colegas contra casos que possam se machucar e machucar o seus colegas.

Imagem 5 - Treinamento



Fonte: Acervo da autora

Imagem 6 - Treinamento



Fonte: Acervo da autora

Segundo as entrevistadas, a escola mudou após o projeto desenvolvido. O projeto conseguiu aumentar a autoestima das crianças que eram consideradas rotuladas (crianças consideradas problemas). Com o projeto foi possível minimizar essa rotulação, uma vez que aumentando a autoestima deles, eles responderam de uma forma diferente no seu comportamento. Outro ponto importante foi dito pela supervisora:

Percebemos que As crianças ao se sentirem alguém, ao se sentirem gente que podia estar no meio da sociedade, diminuíram a violência, porque se eles eram Anjos eram eles que tinham que proteger os outros, como iam ser violentos, ainda tínhamos alguns que continuaram sendo violentos, mas fazíamos eles refletirem, até que ponto eu M que estou atuando como Anjos posso ser uma pessoa violenta se o meu papel é exatamente diminuir essa violência tomar conta do outro, conseguimos resgatar esse valor bem notoriamente. (Fonte: entrevista com a supervisora da escola).

O terceiro ponto importante foi diminuir a rotulação por parte do professor, uma vez que tinha professor que, também, acabava rotulando alguns alunos.

o caso de J que era uma criança que era altamente violenta, era violento porque também mexiam com ele, por ele ser uma criança que ia mais sujo para a escola,

que não tinha uma família atuante, que era criado pela avó e avó morreu, passou a morar só com o avô, essa criança de certa forma era rotulada pelas outras crianças também, ele se sentiu alguém quando ele colocou o colete e o professor viu a mudança dele de comportamento, ele também queria cuidar do outro.

Observa-se a fala da diretora quando ela cita o caso do aluno J. Vários fatores estão relacionados à violência dentro da escola. A partir do que se analisa neste caso, podemos recorrer a Blomart (2002,), Debarbieux, (1996; 1998), Montoya (1988); Pain (1997) e Payet (1995). Todos esses autores identificam vários fatores que podem propiciar a violência. No caso de J a difícil situação social como a pobreza e a insegurança por parte da família, como o abandono e os baixos padrões educacionais, como também a baixa qualidade da moradia, demonstram a complexidade do problema e os fatores que podem provocar práticas de violência escolar.

De acordo com Artinopoulou,

A exclusão social fornece o pano de fundo para diversos aspectos da violência escolar. É um fenômeno que auto alimenta, atuando conjuntamente com a atmosfera em sala de aula e o sistema educacional. A violência escolar tanto pode ser vista como sintoma quanto como fator da exclusão social (ARTINOPOULOU, 2002, p. 167).

Entendemos aqui que exclusão social é um dos fatores que propicia a violência escolar e se não for tratado e combatido dentro da escola, a escola também estará propagando essa violência. No caso do aluno J. tantos os professores como os colegas estavam alimentando essa violência. O projeto Anjos na Escola se mostrou uma experiência exitosa no enfrentamento à violência escolar sofrida por J., levando-o se sentir novamente parte do grupo e da sociedade.

Na opinião das entrevistadas o projeto foi muito importante, pois a gestão ia observando e avaliando e se sentavam com os alunos para perguntar e questionar. Segundo a professora, “o projeto não foi 100%, mas muita coisa pode melhorar, quando você aumenta a sua autoestima, quando se sente útil e importante, isso favorece muito no processo de mudança de comportamento e isso ocorreu”.

A partir das respostas obtidas com o questionário foi possível constatar que o tempo de serviço na escola varia entre três meses a vinte e nove anos.

Também foi perguntado, no questionário, sobre como os professores consideravam a vizinhança. Em relação a este pergunta, obtivemos nove respostas.

Gráfico 1 - Percepção da violência na vizinhança



Fonte: dados da pesquisa

Estes dados confirmam a reflexão desenvolvida por Abramovay (2006), em que afirma que a violência escolar tem relação também com a violência da comunidade em que ela está inserida.

O espaço sócio territorial onde a escola se localiza tem influência sobre o seu cotidiano e a percepção de segurança dos alunos e adultos. Aspectos como a infraestrutura urbana, o perfil dos moradores e o tipo de comércio são alguns dos fatores que podem interferir na visão sobre o bairro e sobre a própria escola. (ABRAMOVAY, 2006, p. 269)

Importante destacar que a escola não está localizada em uma zona de altos índices de violência, porém uma grande porcentagem das crianças atendidas na escola é de comunidades periféricas.

Destacamos a fala de uma das professoras:

Sou professora há mais de 21 anos. Nesta escola há 10 anos, e afirmo que a violência vem de fora para dentro das escolas, de alunos sem perspectivas sociais como também psicológicas, muitos dos nossos alunos vivem em situação de pobreza, presenciam a violência dentro de suas próprias famílias, temos aluno aqui na escola que viu o pai ser assassinado, tudo isso reflete dentro da escola, aqui trabalhamos para combater, para que essas violências não entrem dentro da escola.” (Resposta do questionário aplicado).

Na fala da professora, a violência de fora passa para a escola, o aluno traz a sua realidade para dentro da escola, a escola tem que estar preparada para fazer esse enfrentamento, para minimizar e prevenir a violência escolar.

A partir da quarta questão focamos na violência dentro da escola. Para os professores, a violência tem diminuído, para a grande maioria não existe violência dentro da escola. Oito professores(as) dos onze respondentes, sentem-se seguros dentro da escola e apenas três se sentem pouco seguro.

Perguntamos se nos últimos 12 meses algum aluno gritou, agrediu ou tentou agredir-lo(a). Nove professores responderam que não. Apenas dois responderam que sim, uma única vez.

Questionados se nas últimas duas semanas tinham visto alguém ser vítima de alguma agressão por parte dos colegas ou por outras pessoas, na escola ou nas imediações, obtivemos o seguinte resultado:

Gráfico 2 - Percepção dos professores em relação à violência na escola



Fonte: dados da pesquisa

De acordo com Abramovay (2006, p. 81, *apud* Abramovay e Rua, 2002), “nas escolas brasileiras: apesar do aumento da visibilidade da ‘violência dura’ nos estabelecimentos de ensino brasileiros, o que mais ocorre não são crimes, mas transgressões, pequenos atos de agressão e de incivilidade”.

Precisamos estar atentos a esses pequenos atos, para fazer o devido enfrentamento. Segundo Abramovay (2006, p. 80, *apud* Charlot) “uma simples faísca (um conflito, às vezes menor) provoca a explosão (o ato violento). Nesse sentido, as incivildades representam uma ameaça para o sistema escolar.”

Entendo que para enfrentar a violência escolar temos que combater desde as incivildades e as micro-violências, pois, geralmente as violências mais duras são criadas e alimentadas nas violências que passam despercebidas no cotidiano escolar. É um grande ganho quando as escolas entendem e começam a combater a violência desde pequenos casos, assim, evitando casos mais graves da violência.

Outra questão estava relacionada ao local de onde essas violências aconteciam. A partir das respostas, foi possível observar que não há um local com maior número de casos. Os casos em que foram presenciados pelos professores aconteceram em sala de aula, nos corredores, no pátio e nas mediações. Em termos de número não notamos nenhum local que aparecesse com maior evidência. Dos seis professores que responderam esta questão, não houve local que fora citada com grandes diferenças. Dois responderam que aconteceram em sala de aula; outro respondeu que foram no corredor; outro ainda respondeu que foram no recreio e nas mediações.

De todas as informações coletadas, é possível constatar que a escola possui um trabalho pedagógico de enfrentamento à violência escolar. Sabemos que se trata de processo contínuo, atento e com o envolvimento dos vários sujeitos da comunidade escolar.

Para concluir este capítulo que trata da análise dos dados, quero trazer o poema do nosso grande mestre, Paulo Freire.

A Escola

Escola é...
O lugar onde se faz amigos
não se trata só de prédios, salas, quadros
programas, horários, conceitos...
Escola é, sobretudo gente,
gente que trabalha
que estuda, que se alegra, se conhece, se estima.
o diretor é gente,
o coordenador é gente,
o professor é gente
o aluno é gente,
cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de ilha cercada de gente por todos os lados.
Nada de conviver com pessoas e depois descobrir
que não tem amizades a ninguém
nada de ser como o tijolo que forma a parede,

indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar,
não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, e se amarrar “nela”.
Ora, é lógico...
vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer,
fazer amigos, educar-se, ser feliz

Paulo Freire

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos o projeto de pesquisa, a minha justificativa seria porque as secretarias estavam esquecendo da violência escolar. Desconsiderando, assim, de olhar para os números tão alarmante da violência na nossa Santa Rita.

No percurso desta pesquisa a minha concepção foi mudando, pois, considero de muita importância o projeto PROERD, mesmo com muitos questionamento sobre a presença de policiais atuando dentro do espaço escolar. De acordo com Abramovay (2006, p.305), “há quem a defenda, mas muitos criticam sua atuação e a consideram dispensável e inútil, além de reconhecerem os limites da força policial no controle e na prevenção da violência nas escolas.” Como tivemos oportunidade de esboçar no percurso deste trabalho, o projeto PROERD está focado na violência em geral e na resistência às drogas. Alguns temas ligados à violência escolar são trabalhados como o *bullying*. Em relação às questões da violência escolar como o caso das incivildades temos que ter projetos desenvolvidos pela própria escola. O projeto Anjos do Recreio é um bom exemplo neste sentido, age em relação a problemas específicos na prevenção da violência escolar.

Nosso objetivo com esta pesquisa foi de analisar as experiência de enfrentamento da violência escolar que possam ser multiplicadas por outros profissionais da educação e pelas escolas. Em relação aos resultados obtidos percebemos que conseguimos alcançar. A pesquisa conseguiu duas experiências que, embora seja em pequeno número, demonstra que existe por parte dos profissionais da educação sensibilidade em relação ao problema e disposição para desenvolver ações de enfrentamento à violência escolar.

Esta pesquisa me proporcionou uma grande aprendizagem acerca do problema da violência escolar. Acredito que violência pode ser enfrentada e minimizada das nossas escolas, se governantes, gestores, professores e alunos estiverem envolvidos. Por se tratar de um problema complexo, é preciso que as ações estejam articuladas. Na escola pesquisa, foi possível perceber, mesmo numa dimensão pequena, o envolvimento da Polícia Militar com os professores, gestores e alunos da escola. Nesse processo, não foi possível verificar o envolvimento das famílias e demais instituições do bairro.

Percebi ao longo do curso de pedagogia que a educação precisa de uma ambiente favorável à aprendizagem. Mesmo que não haja consenso entre os teóricos sobre como deve

ser este ambiente, uma verdade acaba sendo defendida por todos, a aprendizagem deve acontecer em ambiente livre de violência. A violência, ao invés de mobilizar aprendizagens, reprime o movimento de aprender. O tema da violência escolar esteve presente em muitos diálogos em sala de aula e os debates sobre as formas de enfrentamento foi uma constante. Esta pesquisa significou, para mim, o abrir de novos horizontes em relação a essa temática. Das grandes aprendizagens que realizei com esta pesquisa foi a constatação de os grandes atos violentos começam com pequenos incidentes de incivilidades ou de *bullying* praticados por colegas, no cotidiano da vida escolar.

A postura como educador nesse contexto é fundamental, ele pode se posicionar de forma humanizante, buscando criando uma ambiente de respeito e paz ou pode contribuir para esta violência se espalhe e se aprofunde. A ação pedagógica dos vários profissionais da educação precisa estar articulada com família e comunidade no enfrentamento da violência e na promoção de relações mais solidárias e respeitadas.

Tivemos algumas dificuldade no trabalho de coleta de dados. A primeira delas foi a de encontrar escolas que desenvolvesse projetos de enfrentamento à violência escolar. Infelizmente, poucas têm projetos específicos com esta finalidade. Outro aspecto que gerou dificuldade foi o receio por parte da Secretaria da Educação do município em fornecer informações. Por fim, a do calendário letivo da UFPB, tivemos que esperar o ano letivo começar para buscar informações. Como as informações não eram transparentes, no sentido de identificar quais escolas, de fato, possuíam algum projeto, acabamos levando muito tempo para coletar os dados.

Em termos de ações de intervenção ou mesmo de continuidade da pesquisa, considero interessante que mais experiências possam ser relatadas e outros sujeitos possam ser envolvidos. É provável que ações sem sistematização estejam sendo desenvolvidas, mas que esta pesquisa não foi possível conhecer. Ações desenvolvidas por professores em sala de aula, muitas vezes por conta própria, sem articulação com gestores e demais colegas. É possível que diálogos estejam acontecendo, alguns promovendo a paz, o cuidado e o respeito. É importante que tenhamos conhecimento dessas experiências isoladas, acredito que aprenderemos com elas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília : UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2006. 404 p.

ANDRADE, Fernando César Bezerra de. **Escola: faces da violência, faces da paz**. - João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

ANDRADE, Fernando César Bezerra de. **Ser uma lição Permanente**: Psicodinâmica da Competência inter-relacional do(a) educador(a) na gestão de conflitos e na prevenção da violência na escola. 2007. 222f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, 2007

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar; 1978.

ARROYO, Miguel G. **Educandos e Educadores: seus direitos e o currículo**. O. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BAGNO, Marcos. **Genocídio, migração forçada e contato na formação do português brasileiro** Capoeira - Revista de Humanidade e Letras / vol.1 / Ano 2014.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em: 21/03/2020.

BRASIL. Secretaria especial dos Direitos Humanos. **Estatuto da criança e do adolescente**: lei federal nº 8.069/1990. Brasília, DF, 1990.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias, Porto Alegre, V. ano 4, n. jul.-dez, p. 432-442, 2002.

CORTELLA, Mario Sergio. **Não se desespere: provocações filosóficas**. - 4.ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DEBARBIEUX, Éric; CATHERINE, Blaya. **Violência nas escolas: dez abordagens europeia**. – Brasília : UNESCO, 2002.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Relatório econômico**. Brasília: Ipea; IBGE, 2018.

_____. **Relatório estatístico**. Brasília: Ipea; IBGE, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos, OLIVEIRA, João Ferreira de, TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar Políticas, Estruturas e Organização**. 10. ed.rev. e ampl. - São Paulo: Cortez, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos, **Didática**. - 2. ed. - São Paulo: Cortez, 2013.

PARAÍBA, Polícia Militar, **Relatório de aplicação do currículo PROERD** 1º ciclo semestre 2018.1 no município de Santa Rita - PB, N° 001/2008-7ºBPM

PARAÍBA, Polícia Militar. **Abundância geral**. BOL MP n° 0133 de julho de 2016, páginas: 5225.

PRIOTTO, Elis Palma. **Violência Escolar: na escola, da escola e contra a escola**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-179, jan./abr. 2009

RIZZINI I, Pilotti F, organizadores. **A arte de governar crianças**. Rio de Janeiro: Amais, Santa Úrsula; 1996.

TEIXEIRA, Evilázio Francisco borges. **A educação do homem segundo Platão**. - São Paulo: Paulus, 1999, - (Filosofia).

VEIGA, Cyntia Greive. **História da Educação**. - São Paulo: Ática, 2007.

Páginas da internet consultadas:

PENSADOR, Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/OTk0MA/>>, Acesso em: 21/03/2020.

IPEIA, Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf> Acesso em: 21/03/2020.

IPEIA, Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190802_atlas_da_violencia_2019_municipios.pdf> Acesso em: 21/03/2020.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, CASA CÍVIL< Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9605.htm > Acesso em: 21/03/2020.

APÊNDICE 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO NA ESCOLA

1- Observar sinais de violência à escola como: (pichação, paredes quebradas, vandalismo...).

2- Ambiente físico da escola: como pátio, jardim, quadra e as salas de aula.

3- A chegada dos alunos, à entrada na escola, quem recepciona os alunos, como essa pessoa trata os alunos.

4- Como os alunos se comportam dentro da escola e na hora do intervalo

APÊNDICE 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

Este questionário destina-se a recolher opiniões dos professores acerca da violência escolar e o seu enfrentamento. É anónimo e a informação recolhida através dele é absolutamente confidencial. A tua colaboração sincera é fundamental para o estudo e compreensão da violência escolar e o seu enfrentamento. Muito obrigado pela tua contribuição.

1 - Começamos por te pedir alguns dados de carácter pessoal:

A - Nome _____

B - Cargo _____

C - Tempo que trabalha na escola _____

D - Qual(is) turmas com que trabalha. _____

C -. Que idade tens? _____

D - Onde nasceste? _____

2- A que género pertences?

() Masculino

() Feminino

3- Você considera a vizinhança desta escola:

- A. ☐ Nada violenta
- B. ☐ Um pouco violenta
- C. ☐ Violenta
- D. ☐ Muito violenta

4-Você diria que, nos últimos 12 meses, a violência dentro desta escola:

- A. ☐ Aumentou
- B. ☐ Permaneceu a mesma**
- C. ☐ Diminuiu
- D. ☐ Não existe violência dentro desta escola.

5- Quando você está dentro desta escola você se sente:

- A. ☐ Seguro
- B. ☐ Pouco Seguro
- C. ☐ Inseguro

6– Nos últimos 12 meses, algum (a) aluno (a) gritou com você, nesta escola?

- A. ☐ Sim. Quantas vezes isso aconteceu?_____
- B. ☐ Não

7 – Nos últimos 12 meses, algum (a) aluno (a) o(a) ofendeu com palavras (xingamentos, palavrões etc.), nesta escola?

- A. ☐ Sim. Quantas vezes isso aconteceu?_____
- B. ☐ Não

8 – Nos últimos 12 meses, algum (a) aluno (a) o (a) agrediu ou tentou agredi-lo (a) fisicamente (empurrão, tapa, jogar objetos, etc.), nesta escola?

A. () Sim. Quantas vezes isso aconteceu? _____

B. () Não.

9 - Durante as duas últimas semanas, viste alguém ser vítima de alguma ou algumas das agressões que o quadro a seguir se referem, por parte de colegas, ou por outras pessoas, na escola ou nas suas imediações? (assinale com uma cruz nos quadrados que correspondem às situações que observaste)

Empurrar com violência	
Ameaçar	
Fazer intrigas	
Gozar/Humilhar	
Chamar nomes ofensivos	
Levantar calúnias/rumores (dizer coisas más de alguém ou da sua família)	
Excluir do grupo (não querer conviver com alguém	
Tirar coisas (objetos pessoais, dinheiro,..)	
Magoar de propósito (beliscar com força; picarem com objetos,..)	

Estragar objetos pessoais ou vestuário de propósito	
Fazer intrigas	

10 - Onde ocorreram essas situações?

() Sala de aula

() Recreio

() Corredores e escadas

() Refeitório Espaços de Educação Física(balneários, pavilhão...)

() Mediações da escola.

APÊNDICE 3

Entrevista

- 1- Você lembra de alguma experiência significativa relativa ao enfrentamento da violência na escola?

- 2 - Você participou de alguma ação ou projeto em que o enfrentamento da violência escolar ? Por favor, conte-me um pouco dessas ações e/ou projetos

- 3 - Já houve caso de violência em alguma turma que você deu aula? Como foi? O que aconteceu? Qual foi sua atitude diante do ocorrido?

- 4 - E na escola, como um todo, já presenciou alguma situação de violência? Como a escola administrou (enfrentou) esses casos?

- 5 - Como professora que já tem experiência com o enfrentamento da violência na escola, o que você diria para uma pessoa como eu, que está concluindo o curso de Pedagogia?